

DESIGNAR PARA APARTAR: NOMES E LAÇOS SOCIAIS

Rejane Maria ARCE VARGAS*

ABSTRACT: In our thesis under the scope of French Discourse Analysis, we have been seeking to deepen the notion of “filiation of senses”. Such a question is analyzed through contemporaneous ways of circulation of the name “community” in what it implies the establishment or dissolution of social links. In this paper, we bring some analytical approaches which have been basing our reflection and allowed us to state that this designation covers a political functioning able to condemn subjects to anonymity or stardom, since it stages the asymmetric division of society, performed in this case by the reduction of senses (of filiation), as it circulates supported by the doxa: “everybody knows what is being talked about”, aiming at making “invisible” some communities and human groups full of senses which are not foreseen in the instance of the globalization discourse of total communication.

KEYWORDS: designation, discourse, filiation of senses, community.

1. Introdução

Em nossa pesquisa de tese, vimos desenvolvendo estudo a propósito da noção de filiação de sentidos, tomando como exemplo a discursivização do nome comunidade, no que este implica o estabelecimento ou mesmo dissolução de laços sociais. Tal problemática é colocada em questão, no âmbito da Análise de Discurso de orientação francesa desenvolvida no Brasil, relativamente à constituição de lugares discursivos e sociais para os sujeitos em cenários citadinos contemporâneos, sendo estes compreendidos como ‘lugares simbólicos’ (Scherer, 2008), que (re)partem o real, irremediavelmente via linguagem.

Com nosso estudo, objetivamos analisar do que se fala e de quem se fala quando se diz comunidade e como essa discursivização funciona político-linguisticamente, mobilizando, para tanto, a categoria ‘Domínio Semântico de Determinação’ (DSD, Guimarães, 2007). Nossa pesquisa vincula-se aos preceitos pecheutianos, na medida em que estes fundamentam uma teoria materialista dos sentidos, e temos como norteador o conceito de político (Rancière, 1996, 1998, 2009), o qual nos permite complexificar o funcionamento dos litígios por dizer no tempo presente.

Os exemplares de análise são constituídos por discursos em circulação, especialmente, na rede mundial de computadores, os quais são recortados segundo a perspectiva da divisão de sentidos, operada via político, notadamente, através de palavras que constituem o processo de designação de comunidade. Nossa proposta é ilustrar como os nomes emolduram pertencimento, trazendo à tona, de modos imprevistos, a divisão/filiação de sentidos.

2. Dizer e filiar-se a – sobre os laços sociais

O ponto teórico fulcral de nosso estudo é a filiação de sentidos, a qual é pensada mediante o modo de circulação no tempo presente da palavra comunidade, isto é, vamos mobilizá-la em relação a um funcionamento específico que, em nosso entender, ilustra um modo contemporâneo de dizer ‘não importa o quê’ (tudo é comunidade), que é jamais ‘não

* Doutoranda em Letras/Estudos Linguísticos (UFSM-PPGL-LabCorpus), bolsista Capes, sob orientação da prof.^a Dr. Amanda Eloina Scherer (UFSM-LabCorpus).

importa o quê’, mas assim circula. Diante disso, por meio do nome ‘comunidade’, visamos a inscrever exemplares de discursos em filiações históricas, isto é, traçar vínculos que não são nem desde sempre estabelecidos (como aqueles que poderiam ser traçados mediante vínculo de um dizer a uma determinada Formação Discursiva¹ [FD]), a partir de onde se processariam deslocamentos na instância da negação ou do distanciamento; mas que, entretanto, emergem sob a instância do ‘não significado’, na medida em que fazem aparecer discursividades de outra ordem que se articulam no tempo presente, em que palavras parecem vir de lugar nenhum e caminhar para não se sabe onde – o *ça circule*² e o *n’importe quoi*³ que é jamais *n’importe quoi*, vaticinados por Pêcheux (1981 [1980], p. 18)⁴.

Tendo em conta essa conjuntura, a questão da ‘filiação de sentidos’ é concebida a partir de um ponto de vista em que se considera precipuamente o estabelecimento/dissolução de laços sociais, noção que encontra aporte no pensamento de Orlandi, pois para a autora

os sujeitos têm necessidade de estabelecer laços com grupos que funcionem como instituições, paralelas às do Estado, quando este falha, para se individuar, e assim poder entrar em processos de identificação que os signifiquem e que eles signifiquem. Esses grupos legitimam suas existências (ORLANDI, 2010, p. 16).

Tais processos de identificação são complexificados com referência a um ‘tempo presente’ e sobre esse aspecto, destacamos as considerações de Guimarães (1999) que aponta tal tempo não como uma situação empírica, um estado contemporâneo dos objetos de sentido, mas como algo que diz respeito à memória, ao interdiscurso, elementos de ‘fora da situação’ que fazem funcionar a língua em um presente. É, portanto, dessa maneira que concebemos ‘tempo presente’, inscrito na história.

Para mais, quando dizemos ‘história do tempo presente’ ou historicização no tempo presente, temos em conta a relação que o nome estabelece com seus ‘memoráveis’ (cf. Guimarães, 2005), ou seja, em como um passado vai sendo recortado, remontando a uma história, seja por meio de vestígios linguísticos, seja via interdiscurso (memória do dizer, conjunto de dizeres possíveis...). Por essa razão não nos voltamos a um outro loco de observação desse nome, tal como um dicionário, um exemplar de discurso fundador, etc. Consideramos que o escopo que envolve a constituição de um Domínio Semântico de Determinação (DSD), isto é, a análise de uma palavra em seu processo de reescrita (e predicação) e de articulação⁵, permite trazer à cena os memoráveis que dão corpo a uma historicidade para a palavra, segundo a temporalidade que recorta.

O modo singular que propomos para se pensar a propósito desse tempo, enquanto dividido, é o nome comunidade. Entretanto, *não desenvolvemos um estudo sobre a palavra comunidade*. Valemo-nos dela como nomeação capaz de presentificar uma problemática do nosso tempo, **o jogo de filiações**, isto é, processos de identificação a comunidades outras em face da exclusão da sociedade, processos estes que materializam a divisão do sensível que se opera via designação.

¹ Neste trabalho, não nos deteremos nesse conceito, porém, vale mencionarmos sua formulação em Michel Pêcheux (a partir de Michel Foucault), o qual apontou uma FD como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito...” (Pêcheux, 1997, p. 160). Tal conceito foi revisitado, ampliado e vem sendo objeto de discussões até hoje.

² Isso circula.

³ Não importa o quê.

⁴ Utilizamos aqui e nas demais referências o ano de escritura do texto ou de sua primeira publicação entre colchetes.

⁵ Tais processos são descritos detalhadamente em Guimarães, 2007.

O nome comunidade hoje é empregado em larga escala, em tempos ditos de fluidez, seja de um ponto de vista em que aparentemente não se filia a nada ou a ninguém, a exemplo das redes sociais virtuais (como Orkut, Facebook, etc.), com suas comunidades de afinidades efêmeras, seja daquele em que recobre e silencia histórias de litígios, como ocorre em comunidades oriundas de ocupações nos limites do urbano (Vargas, 2009) e que hoje, muitas vezes, toma feições de grandes favelas ou espaços de superpopulação periférica nas grandes e médias cidades. Para Orlandi (2010, p. 16), “a palavra comunidade vem se colocando em qualquer lugar (tópica cívica)⁶ para não trazer à tona o real da exígua existência de indivíduos submetidos à segregação, por exemplo na favela. Na Globo, no Jornal Nacional, praticamente não existe mais a palavra “favela”, só “comunidade”⁷.

Assim compreendido, este nome coloca em visibilidade o *político dos sentidos*⁸ (Vargas, 2009a), uma vez que vai funcionar de modo contraditório, como nome que aparta ou que agrupa, via “distribuição de desigualdades e a afirmação de pertencimento” (Guimarães, 2005, p. 15).

É esse o cenário que elegemos para discutirmos nossa questão primeira que é a da filiação de sentidos, compreendida da seguinte forma:

Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos, mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. Por isso a Análise de Discurso se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com **esse “saber” que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos** (ORLANDI, 1999, p. 34).

Interessa-nos, portanto, a designação⁹ comunidade, isto é, o funcionamento desse nome em situações específicas, mediante o jogo de filiações que entretetece, uma vez que “**a memória inscreve o discurso em filiações** e o sentido que as representa está sempre sujeito a deslocamento” (Orlandi, 2004, p. 132)¹⁰. Por conseguinte, mobilizamos o dizer circunscrito a sua historicidade (cf. Orlandi, 2004), ou seja, a uma história tomada não em uma dimensão temporal/cronológica, mas enquanto produção de sentidos que demandam interpretação, uma situação em processo que é constitutiva e não exterior aos discursos. Assim, os objetos simbólicos não são concebidos a partir de uma ‘origem’, mas remetem a uma historicidade que é movimentada na instância do acontecimento do dizer.

Tais situações específicas dizem respeito ao engendramento de subjetividades outras e, por essa via, o não significado, ou mesmo o hipersignificado sob a égide do discurso da mundialização. Esse discurso de ordem global aloca sujeitos e sentidos em ‘categorias’, as

⁶ Isto é, “sítios, lugares de definição, com sua materialidade, em que se configuram processos de manifestação concreta de sentidos de cidadania que não podem ser pensados fora das condições materiais de existência desses indivíduos (sujeitos individuados) nas suas relações com a sociedade... espaços significados pela relação (política) do estado com a sociedade, em sua forma histórica. Relação esta pela presença ou pela falta” (Orlandi, 2010, p. 14).

⁷ Aspas da autora.

⁸ De modo bastante sucinto podemos dizer que, ao mencionarmos a noção de político, reportamo-nos sempre à divisão de sentidos que se processa na sociedade em face mesmo de seu modo de estruturação (lugares e posições legitimadas para certos dizeres). Para mais, ver Vargas, 2009a em: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r37/artigo12.pdf.

⁹ Não nos detemos nos processos de nomeação ou de referência.

¹⁰ Negritos nossos.

quais não podem dar conta de ‘todo’: mendigo/morador de rua/pessoa em situação de vulnerabilidade; bandido/traficante/ladrão; empregado/desempregado; trabalhador/desocupado; prostituta/mulher da vida/acompanhante de luxo, etc.¹¹.

Outrossim, quando tomamos comunidade como unidade de trabalho e a concebemos a partir de uma perspectiva em que esta tece laços ou os destitui, estamos nos referindo a um processo que subjaz a essa relação, que é o de metaforização, tal como compreendido por Orlandi (2005) em seus estudos sobre as falas desorganizadas, isto é, metaforizar implica atingir o sentido do social (em alguns casos da letra, da escrita das tecnologias), que enquanto tal constitui formas discursivas que fazem aparecer o silenciamento, o apagamento, a designificação. Dito de outro modo, metaforizar implica uma interpretação, que o sujeito assumida determinada posição em relação ao que enuncia e não apenas repita, mas mobilize os sentidos que o determinam *a priori*.

3- Faces de uma nova fraseologia

A fim de analisarmos alguns modos de circulação do nome comunidade, elegemos a categoria analítica de DSD como forma de investigação do funcionamento de uma palavra.

O processo que resulta da análise de um nome é o que constitui um DSD que é “**uma análise de uma palavra**. Ele **representa uma interpretação do próprio processo de análise** e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado (um texto, um conjunto de texto, etc.” (Guimarães, 2007, p. 81)¹². Assim, estamos considerando a profusão sobredeterminada de comunidade [como exemplifica a montagem de textos a seguir], mas, e ainda assim, carente de uma análise que a tire de uma certa ordem de dizeres que Pêcheux chamou de **fraseologia**, isto é, a nova língua democrática que tem a ‘invisibilidade do vento’ e igual força para condenar ao ‘estrelato’ ou à ‘invisibilidade’. Essa ‘condenação’ se processa por meio de enunciados que muitas vezes forcem uma rede interfrástica da ordem do absurdo, corporificando o que vimos compreendendo como a **fraseologia da mundialização**, aliada ainda ao que Pêcheux denominou **circulação-confronto** (Pêcheux, 1990 [1988], p. 21)¹³, ou seja, o caráter oblíquo, sinuoso de enunciados, palavras, sentidos que ‘parecem sempre os mesmos’. Observemos, o exemplo:

MONTAGEM DE TEXTOS

Busca por ‘comunidade favela’ em Folha OnLine¹⁴

(05 últimos resultados do total de 30, em 10/08/2009 – notícias do período de maio a agosto de 2009)¹⁵

25. [Folha Online - Cotidiano - Polícia mata suspeito e apreende 40 mil papéletes de cocaína em favela do Rio - 05/05/2009](#)

... 05/05/2009 14h26 **Polícia mata suspeito e apreende 40 mil papéletes de cocaína em favela** do Rio DIANA BRITO Colaboração para a Folha Online , no Rio Um homem apontado como ... **traficante de drogas morreu baleado durante operação policial** realizada na manhã desta terça-feira na **favela Vila**

¹¹ A esse respeito Orlandi (2010) analisa exemplo interessante: “Os seus dois filhos são de bandido?”, “Um só, outro não. O outro é de um 157” [157 = roubo, segundo o Código Civil].

¹² Negrito nosso.

¹³ O ano entre colchetes refere-se à primeira edição da obra, em inglês.

¹⁴ O caráter elíptico dos textos é de natureza automática, ordenada pelo computador.

¹⁵ A fim de ilustrarmos a sobredeterminação do nome comunidade, realizamos uma busca por ‘comunidade favela’, em Folha Online em 10 de agosto de 2009, da qual nos valem os 30 primeiros resultados, que compreendem os meses de maio a agosto de 2009¹⁵, e aqui destacamos 05 resultados.

Vintém, em Padre Miguel, na zona oeste do Rio. Segundo informações ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560742.shtml>

26. Folha Online - Cotidiano - Polícia Civil realiza operação em favela da zona oeste do Rio - 05/05/2009

... 05/05/2009 11h33 **Polícia Civil** realiza **operação** em **favela** da zona oeste do Rio DIANA BRITO colaboração para a Folha Online , no Rio Cerca de 120 **policiais civis** realizam na manhã ... feira uma **operação** para **reprimir o tráfico de drogas**, **apreender armas** e cumprir mandados de **prisão** na **favela** Vila Vintém, em Padre Miguel, na zona oeste do Rio. Ainda não há ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560680.shtml>

27. Folha Online - Cotidiano - Conselho estadual aprova regularização de favela sobre palafitas em Cubatão (SP) - 04/05/2009

... 04/05/2009 09h00 Conselho estadual aprova **regularização** de **favela** sobre palafitas em Cubatão (SP) da Folha de S.Paulo Uma **favela** com **barracos** sobre palafitas, a Vila dos ... pelo Conselho Estadual do Meio Ambiente em março, a pedido da Prefeitura de Cubatão. É uma **comunidade** de cerca de 10 mil pessoas, formada por **migrantes e pescadores** tradicionais da ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560158.shtml>

28. Folha Online - Cotidiano - Moradores de favelas no Rio exigem reunião com o governador para discutir muros - 03/05/2009

... o **projeto**, que consideram "**segregacionista**". Para o governo, a obra beneficia a **comunidade** e não cerceia o **direito** de ir e vir. Alguns moradores de **favelas** elogiam a iniciativa por ... o fim da busca de jacas na mata. "Não sou contra nem a favor. Acho que qualquer investimento na **favela** é bom";, diz José Bezerra, 55, morador do **morro** Dona Marta. O governo ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559777.shtml>

29. Folha Online - Cotidiano - Bombeiros controlam incêndio em favela no Bom Retiro - 01/05/2009

... 01/05/2009 16h46 Bombeiros controlam incêndio em **favela** no Bom Retiro Colaboração para a Folha Online Atualizado às 19h07 . Bombeiros controlaram um incêndio em uma **favela** no ... incêndio foi controlado às 15h. Veja imagens. Veja vídeo O fogo destruiu quatro **barracos** na **comunidade**, que é conhecida como **favela do Moinho**. Os bombeiros não souberam informar, no ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559212.shtml>

30. Folha Online - Cotidiano - Incêndio atinge favela na região central de São Paulo - 01/05/2009

... 01/05/2009 14h32 **Incêndio** atinge **favela** na região central de São Paulo da Folha Online Um **incêndio** atinge uma **favela** no **bairro** do Bom Retiro, região central de São Paulo, na tarde ... acionado por volta das 14h20 e enviaram três carros ao local, que fica na rua Tenente Pena. **A comunidade é conhecida como favela do Moinho**. Ainda não há informações sobre ...

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559167.shtml>

Como se pôde observar pelo excerto da busca que realizamos, favela determina comunidade e ambas estabelecem uma relação de substituição/equivalência nesse caso, ou seja, comunidade é igual à favela e favela é igual à comunidade e tanto uma quanto a outra são discursivizadas pela violência/delinquência como lugares onde há: drogas, operação policial, tiroteio, mortes, tráfico de drogas, pobres, favelados, etc., nomes, portanto que compõem o domínio de memória do DSD favela/comunidade, a seguir.



DSD1 – referente à montagem de textos¹⁷

¹⁶ — = determina.

¹⁷ Para elaboração do DSD consideramos o conjunto de 30 resultados.

É dentro desse quadro de sobredeterminação que comunidade vai aparecer **no texto/áudio A** [a seguir], como palavra mantida a distância, quer dizer, mesmo sendo ‘adotada’ como índice de uma nova discursividade democrática, logo traz à tona o confronto social que corporifica. Mesmo que empregada por aqueles que não a tomam como um *discurso de* uma comunidade (texto/áudio A), é concebida como ‘moda’, está, pois, distante, configurando um *discurso sobre*¹⁸ ‘uma certa gente’ que passa adiante ‘certos privilégios que recebe’, essa relação, em nossa compreensão, é de confronto, isso porque os sentidos de comunidade não emergem da *organização* social, (portanto não basta que a palavra seja adotada como índice de uma certa ética eufemística de dizer), mas de uma *ordem*¹⁹ discursiva outra, vivida, relativa a um **saber que não se aprende**, em nossa hipótese, na qual os sujeitos que enunciam comunidade como moda não se reconhecem e dela se apartam, o que pode ser observado inclusive pelo modo como esse texto é enunciado (voz, tom profundamente irônico)²⁰. O domínio de memória²¹ que a *sequência discursiva de referência* (sdr, cf. Courtine, 1981) que elegemos para nosso trabalho (Agora a moda não é mais favela, é comunidade) convoca articula-se por meio de nomes e expressões como: PT, MST, essas pessoas, fiscalização, terra/moradia passada adiante, etc. Vejamos:

TEXTO/ÁUDIO A –
Boletim de Brasília – Rádio Guaíba/RS
(Grupo Record de Comunicação) – 26 de março de 2009²².

FM -... mas Dal Pizol muitas coisas que interessam o nosso ouvinte em relação a esse **pacote do governo**. Haverá dois tipos de moradia... esse pacote de 1 milhão de moradias, vai ter casas térreas com 35m² e apartamentos de 42m², ambos terão sala, cozinha, banheiro, dois dormitórios e área de serviço, os prédios terão de 04 ou 05 pavimentos, com 04 unidades por andar. Aqui em Brasília é interessante que **eles fizeram, reformaram, revitalizaram uma comunidade...** **AGORA A MODA NÃO É MAIS FAVELA**, viu Silvia, **É COMUNIDADE**, então reformaram, revitalizaram a **comunidade** e o que está acontecendo é o seguinte, os moradores ... há pouco tempo **o governo do DF doou mais de 500 apartamentos, quase 400 os donos já não são os mesmos** Silvia, já venderam, **essas pessoas já passaram seus apartamentos para outras pessoas**, então é difícil isso, né, Dal Pizol e Silvia.

S - É, a **fiscalização** que tem que ter nessa aérea, principalmente agora com esse **pacotão do governo federal** da área habitacional, tem que reforçar **porque passa adiante né, vende a chave**, como **popularmente** é conhecido.

FM - **É a mesma coisa** com o **MST** que ocorre, e daqui a pouco o **MST** está ligando, mas se tu pegares, **todas as pessoas ou muitas já passaram a sua terra pra diante**, pra frente, fazem aqueles contratos de gaveta e pronto. Lá principalmente na Amazônia está acontecendo muito isso, mas é interessante Silvia que **o pacote de habitação do governo, 34 bilhões de reais, ele ainda é cinco vezes menor que o reajuste dos servidores**

¹⁸ *Discurso de* remete ao discurso em sua ordem própria, de um lugar, de sujeitos, em sua heterogeneidade, sem intermediários, enquanto que *discurso sobre* é aquele que organiza essa série de dizeres dispersos do *discurso de*, segundo fins específicos (baseamo-nos nas formulações de Orlandi em vários de seus trabalhos a respeito dessa díade).

¹⁹ Tomamos aqui a distinção que Orlandi (2004) estabelece entre *ordem e organização*, isto é, a organização remete à regra e à sistematicidade, enquanto que a ordem, ao funcionamento, sempre sujeito à falha da língua e da história (equivoco).

²⁰ O texto foi coletado da mídia radiofônica e, portanto, estamos considerando seu modo de enunciação.

²¹ Em face dos objetivos deste trabalho, restringir-nos-emos aqui a referir o conceito de domínio de memória: “Está construído por un conjunto de secuencias discursivas que preexisten a la sdr, en el sentido en que ciertas formulaciones recuperables en la puesta en secuencia intradiscursiva que realiza la sdr (que llamaremos “*formulaciones de referencia*”) entran, con formulaciones que aparecen en las secuencias discursivas del dominio de memoria, en redes de formulaciones, a partir de las cuales se analizarán los efectos que produce en el seno de un proceso discursivo la enunciación de una sdr determinada (efectos de memoria, de redefinición, de transformación, pero también efectos de olvido, de ruptura, de denegación, de lo ya-dicho)” (COURTINE, 1981, p. 50).

²² FB = Fábio Marçal, S = Silvia do Canto, DP = Dal Pizol.

públicos, o governo, até 2012, o governo fez uma série de reajustes que terão reflexo até 2012, então pro nosso ouvinte ter uma ideia, esse ano o governo em reajustes vai gastar 11 bilhões de reais; em 2009, 29 bilhões de reais [sic]; em 2010, 40 bilhões de reais; em 2011, 47 bilhões de reais; 2012, 47 bilhões de reais; e o **PT sempre foi, né corporativista e vinculado aos movimentos de funcionários públicos, é indiscutível**, mas o governo lança um pacote de 34 bi, mas apresenta também um pacote de 175 bilhões de reais pro reajuste, **só falta o famoso reajuste ali né Dal Pizol e Silvia para os servidores do legislativo que estão reivindicando 20%, é uma vergonha** esse reajuste Silvia e Dal Pizol...

DP - Muito Obrigado, um bom dia de trabalho pra você aí em Brasília, Fábio Marçal.

Esse confronto é tornado visível quando retomamos exemplos de trabalho anterior (Vargas, 2009)²³, do qual ora apresentamos algumas sequências discursivas, como exemplares de um *discurso de*. Nesse caso, as palavras não são tomadas a distância, elas historicizam práticas de sentido próprias de um lugar praticado, de um saber vivenciado, entretanto, esses sentidos têm sua circulação silenciada, uma vez que são sobredeterminados pelo discurso da criminalidade e violência [o que faz com que comunidade seja tal como procuramos exemplificar pela montagem de textos supra].

SD 1²⁴

Eu **participei** do mutirão da consciência ambiental, **nós** limpamos a **comunidade**, quase toda a **comunidade**. Foi legal porque é para **nós** mesmos.../ **Eu** também **participei** da **ponte**...

SD 2

Eu me lembro que um dia a escola **fez** um **mutirão** pela paz na **comunidade**, **todos nós fizemos** este mutirão.../ E também **nós fizemos** outro **mutirão** para arrumar a **ponte**... **nós mandamos** cartas para o vereador da **comunidade**...

SD 3

Nós, jovens da Escola Marista Santa Marta, **lutamos** para **conseguir** muitas coisas para a nossa **comunidade**... / **[nós] Fizemos protesto** para **conseguirmos** mais segurança para a nossa **comunidade**, **[nós] mandamos** cartas em 2003 para o prefeito para arrumar a **ponte** aonde o ônibus passava porque tava caindo e **conseguimos**./ **[nós] Fizemos mutirão** para limpar a nossa **comunidade**, **[nós] fizemos passeata** da paz. **Nós fizemos** muitas coisas pela nossa **comunidade** e fora o que eu não me lembro...

A circulação-confronto a que nos reportamos, no tocante aos três exemplares de discurso que aqui destacamos, pode ser compreendida por meio das seguintes paráfrases que, todavia, não estabelecem entre si relação interfrástica, pelo contrário, a equivocidade do nome é colocada em pauta:

- Comunidade é o nome politicamente correto para favela (texto/áudio a).
- Uma comunidade é uma favela revitalizada (texto/áudio a).
- Favela e comunidade são lugares violentos (montagem de textos).
- Comunidade é um projeto compartilhado (SD1 a SD3).

Diante disso, a noção que temos procurado aprofundar diz respeito ao que Pêcheux postulou do seguinte modo:

De um lado e de outro desta fronteira, a mesma palavra, a mesma frase não têm, de novo, o “mesmo sentido”: e, como no caso da ideologia jurídica burguesa, sua transposição, deliberada ou não, pode ser uma questão de vida ou de morte: paradoxalmente, a desconfiança dos revolucionários com respeito à fraseologia engendrou a **nova fraseologia do discurso-real autoprotetor, nova “FRASE DEMOCRÁTICA” que, ao repetir o que todos sabem, permite calar o que cada um entende sem confessar. Maldito aquele que rompe este pacto do silêncio**

²³ Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rou?id=67>

²⁴ SD = sequência discursiva; [nós] = intercalação textual posterior nossa; / = parágrafo diferente.

tagarela: ele corre o risco de se tornar ipso-facto um espectro visível da adversidade (PÊCHEUX, 1990 [1980], p. 15)²⁵.

As análises que temos desenvolvido permitem que postulemos o nome comunidade como ‘frase democrática’, a fraseologia de que fala Pêcheux, essa que se afigura como língua una e indivisível, própria da democracia republicana:

espaço da artimanha e da linguagem dupla, linguagem de classe secreta onde o “bom entendedor” encontra sempre sua salvação, a língua da ideologia jurídica permite conduzir a luta de classes sob a **aparência da paz social...** (PÊCHEUX, 1990 [1980], p. 11).

Dentro desse quadro, o nome presentifica circulações-confronto. Sabemos que desde sempre a ideologia opera em grau máximo para o achatamento de certos sentidos, o que podemos compreender analogamente como se, por um lado de um determinado recipiente, entrassem todas e quaisquer orientações de sentido possíveis, diga-se, irremediavelmente contraditórias, equívocas e em conflito e, de outro, emergiria uma outra, uma, operando sob a ‘aparência da paz social’, ou ainda, sob o que Orlandi chama de diluição e indistinção dos sentidos (Orlandi, 2009, IV SEAD)²⁶. É dessa forma que vimos trabalhando com essa designação, quer dizer, enquanto esta põe em causa o “**estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca** (é sim ou não, é x ou y, etc.) e **formulações irremediavelmente equívocas**” (Ibid., 1990 [1988], p. 28)²⁷.

Referências

- COURTINE, Jean-Jacques. Análisis del discurso político (El Discurso Comunista Dirigido a los Cristianos). Trad. de María del Carmen Saint-Pierre. *Langages*. Jun. 1981.
Disponibilidade em: <http://www.magarinos.com.ar/courtine.htm>.
- GUIMARÃES, Eduardo. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes, RG, 2007.
- _____. *Semântica do acontecimento*. Um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. Textualidade e enunciação. *Escritos*, n. 2. Campinas: Labeurb/Unicamp, 1999.
- ORLANDI, Eni P. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: O caso da delinquência. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Discurso e políticas públicas urbanas: A fabricação do consenso*. Campinas, SP: RG, 2010.
- _____. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- _____. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni P. Orlandi (et al.). 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

²⁵ Aspas no texto, negritos e maiúsculas nossos.

²⁶ Ver em: http://www.discurso.ufrgs.br/sead/prog/c1_Eni_Orlandi.pdf

²⁷ Negritos nossos.

_____. Ouverture du colloque. In : CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean Marie; PECHÊUX, Michel (eds.). *Matérialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981 [1980].

_____. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Trad. De Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990 [1988].

_____. Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. In: *Cadernos de estudos lingüísticos* (19). Campinas: Unicamp, 1990 [1980]. p. 7-24.

RANCIÈRE, Jacques. *Moments politiques*. Interventions 1977-2009. Paris : Lux, La Fabrique, 2009.

_____. *Aux bords du politique*. Paris: Gallimard, 1998.

_____. *O desentendimento*. Política e filosofia. Trad. de Ângela Leite Lopes. São Paulo, SP: Ed. 34, 1996.

SCHERER, Amanda E. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 131-141.

VARGAS, Rejane M. Arce. Do repetível ao historicizado: Notas sobre uma prática de sentidos. *RUA* [online]. 2009, no. 15. Volume 1 - ISSN 1413-2109. Disponibilidade em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=67>

_____. Dizeres que não voltam mais??? Questionamentos sobre a questão da filiação dos sentidos. *Letras*. n° 37, jul./dez. 2008. Santa Maria, RS: Editora PPGL, 2009a.

Disponibilidade em: http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r37/artigo12.pdf